

**“IGUAL A MAIORIA DOS VICIADOS, EU DISSE QUE IA PARAR, MAS NÃO PAREI”
A PORNOGRAFIA NO COTIDIANO DE HOMENS HETEROSSEXUAIS:
UMA COMPULSÃO?***

Marcos Henrique Bearsi Suzin**

Resumo: Esta pesquisa teve por objetivo identificar os impactos da compulsão em pornografia na vida de homens nos âmbitos amoroso, social e laboral/escolar. Este estudo caracteriza-se como exploratório, de natureza qualitativa, estudo de caso e corte transversal, realizado por meio de uma entrevista semi-estruturada com três homens viciados em pornografia, entre 18 e 22 anos; os dados foram submetidos à análise de conteúdo. Os resultados demonstram que há diversos impactos nocivos nas vidas dos entrevistados; no âmbito amoroso como a dificuldade de vinculação afetiva, em que houve dissociação entre sexo e afeto e relações baseadas em desigualdades de gênero; no âmbito social apareceu dificuldade de sustentar os laços afetivos referente à família, ausência de atividades sociais e novamente relações de gênero permeadas pelas relações de poder; e por fim, no âmbito laboral/escolar os impactos se referem a baixa produtividade no trabalho e isolamento social. Nas três dimensões os impactos ocorridos têm a característica demarcada pela baixa capacidade dos sujeitos de controlar os impulsos e a construção social da pornografia serve como uma referência precoce de uma sexualidade baseada em relações desiguais. Diante disso, compreende-se que a compulsão pela pornografia é a via em que o corpo social não controla o impulso das relações de poder.

Palavras-chaves: Pornografia; Compulsão Sexual; Vício em pornografia.

* Artigo apresentado como Trabalho de conclusão de Curso – TCC (Curso de Psicologia – Graduação) Universidade do Sul de Santa Catarina, 2016, como requisito parcial para obtenção do título de Psicólogo. Orientador: Prof.^a Carolina Bunn Bartilotti, Dra.

* * Graduando do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina.

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como foco um fenômeno complexo, que muitas vezes ultrapassa fronteiras morais e sociais, e se locomove entre o polêmico e o ocultismo, conservador e o libertário. Possui diferentes significados de acordo com o seu momento histórico, estando normalmente associado ao obsceno, perverso, desviante entre outras nomenclaturas com sentido negativo, mas também é visto como uma forma de novas representações do sexo, às vezes visto como sinônimo do erotismo, dividindo pensamentos sobre esse tabu chamado de “pornografia”. Conforme Orsi (2011), com a confecção de valores morais dentro de uma determinada sociedade, o tabu é considerado moralmente como um objeto de proibição, ainda mais quando interligado à sexualidade, porém a pornografia ao mesmo tempo é visto como objeto de desejo.

O site americano “*CovenantEyes*”¹ traz estatísticas sobre pornografia em um relatório anual de 2015, apontando que o número de pesquisas na internet com teor pornográfico ultrapassa mais de 2 bilhões de acessos, 1 em cada 5 buscas móveis nos Estados Unidos são para pornografia e 24% dos proprietários de *smartphones* admitem ter material pornográfico em seu aparelho móvel. Assim, fica mais evidente a visibilidade e acessibilidade dessa indústria, pontuando a sua ideologia do capitalismo.

Nas últimas décadas, os avanços da internet, e a larga escala de produção de

material audiovisual, aumentaram consideravelmente o conteúdo pornográfico disponibilizado para o meio online. O avanço dessa indústria trás uma variedade de categorias e tendências, que junto ao consumismo movimenta esse mercado no mundo e reforça a dificuldade de apontar seus efeitos nos tempos atuais.

Conforme Ciclitira (2004), olhando por esse viés, mostra-se o aspecto comercial, destacando a lucratividade que impera e incentiva o consumismo e a produção de novos modelos, para proliferar a pornografia nos mais diversos contextos. Um exemplo disso, são os sites pornográficos, criadores de estilos, por exemplo fetiche, bissexual, homossexual, lésbica entre outras, com intuito de atingir um maior público. O mundo se tornou globalizado e as fronteiras foram reduzidas por meio da rede.

Faz-se necessário entender outro ponto que gerou e gera até hoje grandes debates sobre quem é o público alvo da pornografia. Os discursos feministas vêm de encontro com a questão de gênero imposta na pornografia, “para certas correntes do pensamento feminista, a pornografia é tida como um produto do patriarcado e, por isto, uma forma de exploração do corpo da mulher, objetificado para atender ao desejo masculino” (SANTANA, 2011, p. 12). Conforme Guerra (2004), em sua pesquisa frente ao consumo de materiais pornográficos, realizada com 336 universitários da Paraíba, de ambos os sexos, os homens constituem 78% da amostra de consumidores de sua pesquisa, considerando a constituição social na questão da diferenciação de gênero. O consumo da pornografia pode ser observado, empiricamente, no cotidiano de

¹ “Recebeu Certificado de Reconhecimento Especial do Congresso do quarto distrito de Michigan, pelo deputado Dave Camp em 2012, monitora os sites visitados, os termos de pesquisa utilizados, e os vídeos do YouTube assistidos, e enumera-os em relatórios”.

muitos homens. Mesmo o consumo estando explícito, a sexualidade que permeia a pornografia ainda é vista como tabu. Podendo ser compreendida como um dos mecanismos dos vários discursos sobre o sexo, conforme Foucault:

Censura sobre sexo? Pelo contrário, constituiu-se uma aparelhagem para reproduzir discursos sobre o sexo, cada vez mais discursos, susceptíveis de funcionar e de serem efeito de sua própria economia. Esta técnica talvez tivesse ficado ligada ao destino da espiritualidade cristã ou à economia dos prazeres individuais, se não tivesse sido apoiada e relançada por outros mecanismos. Essencialmente, por um “interesse público”. Não uma curiosidade ou uma sensibilidade coletivas; não uma nova mentalidade. Porém por mecanismos de poder para cujo funcionamento o discurso sobre o sexo – por razões às quais será preciso retornar – passou a ser essencial (FOUCAULT, 2003, p. 26).

Então, é por meio desses discursos, que o sujeito adquire maneiras de transitar por suas questões sexuais, reprimidas ou não. “A pornografia pode ser entendida como uma forma de escapar a essa ‘injustiça’. Uma solução psíquica em resposta aos efeitos repressores da sexualidade que, por terem sido coibidos, encontraram na pornografia um modo de descarga de moções sexuais” (NETO; CECCARELLI, 2015, p. 17).

No contexto histórico atual, a pornografia é encontrada em filmes, livros, revistas, internet, poesia, “nas ruínas de Pompeia, nos “gracejos” de rua, nos outdoors das avenidas, nas cartas de baralho, e na cabeça das pessoas” (MORAES; LAPEIZ, 1985, p.10). Contudo, é possível afirmar novamente um aspecto a mais da pornografia nos últimos

séculos, mais precisamente a partir do século XIX, se referindo ao consumismo e a cultura das massas, a qual tem como principal foco o lucro, que quando obtido, acaba por maximizar a produção pornográfica.

Não apenas a ciência vai criar categorias e conceitos para discursar e debater sobre os sexos, gêneros, desejos e práticas sexuais, mas também a nascente cultura de massas. Desta forma, o termo pornografia não se desenvolve como uma categoria científica – portadora de um rigor conceitual e de uma definição clara –, mas se consolida como uma ideia imprecisa, difundida no senso comum e alimentada pela indústria do entretenimento (LEITE JÚNIOR, 2012, p. 103).

A definição da pornografia é por vezes confundida por diversos historiadores, considerando questões morais e valorativos de cada época. Depende em qual contexto se encontra, uma literatura erótica pode ser considerada pornográfica, ou até mesmo a Bíblia Sagrada tem capítulos que podem ser considerados pornográficos, conforme cita Moraes e Lapeiz (1985). O pornográfico, que segundo o dicionário Aurélio, tem sua definição como a escrita das prostitutas, representando a perversão, o grotesco, e a pura ação de tornar explícita a sexualidade.

Percebe-se que este fenômeno trilha seu caminho pela sexualidade humana. Segundo Bataille (2004), os animais tem sua atividade sexual unicamente relacionada a reprodução da espécie, diferente do homem que dá um sentido simbólico a sua atividade sexual, vivência essa que passa pelo interdito e pela transgressão, tendo um sentido erótico a sua prática. O interdito se refere às leis que o

homem tem em sua atividade sexual, e a transgressão seria a violação dessas leis, um processo dialético. Portanto, o erotismo provoca a angústia pela proibição, pelo medo do interdito, ao mesmo tempo em que incita o desejo de desvendá-lo, de transgredi-lo, e por fim de gozar por meio da transgressão (BATAILLE, 2004)

Moraes e Lapeiz (1985) confirmam também que tentar desvendar o que o erotismo mantém em segredo, no domínio da fantasia, é transgredir o proibido e é nesse sentido que a pornografia entra como a violação do interdito, é a transgressão organizada do erotismo. A pornografia explícita o obsceno, o vulgar, a exibição das genitálias, gerando sentimento de culpa por ter violado o proibido, porém faz gozar no desejo, repara o caos provocado pelo erotismo, fazendo o seu anúncio.

As representações sexuais são percebidas em diversos momentos da história humana, por exemplo, na Idade Antiga, com as esculturas gregas de homens e suas genitálias à mostra; entretanto, isso não foi considerado pornografia na época. Conforme Hunt (1999), a pornografia tem local e data de nascimento, e objetivos diferentes do que temos hoje. Inicialmente, era uma forma de contestar o poder de autoridades religiosas e políticas, por meio de panfletos com imagens pornográficas de sujeitos importantes da sociedade. Pietro Aretino foi o precursor da pornografia no século XVI, na Europa Ocidental e usava da transgressão por meio de textos e imagens, como crítica contra as relações de poder da nobreza e do clero, Hunt (1999). Contudo, é com o advento da imprensa que podemos chegar perto do que definimos pornografia atualmente. A cultura impressa revolucionou o aspecto comercial e

expandiu a produção da literatura com intuito também de excitação e prazer sexual, tornando-a popular. Nos séculos XVI e XVII era apenas acessada exclusivamente por classes privilegiadas, tais como a elite masculina e aristocratas; no século XVIII com a Revolução Francesa, os trabalhadores que fazem parte das classes populares urbanas, passaram também a ter acesso a esse material (HUNT, 1999).

Portanto, a pornografia, tal como a entendemos nos dias atuais, se estabelece mais precisamente no século XIX, com a invenção da fotografia e o cinema, podendo ser definida como “a representação sexual visando em especial a excitação erótica de seu público e estando intimamente relacionada com a produção padronizada para um mercado estabelecido” (LEITE, 2009, p. 4). Conforme Foucault (2003), essa padronização veio se estabelecendo pela Igreja, que afirmava que o prazer sexual não poderia existir dentro do casamento, e usava do confessionário como espaço para falar da sexualidade, mas como forma de punição e controle da mesma. Depois, esse controle, passou para o poder da psiquiatria, que também segue os valores conservadores da família burguesa, o modelo monogâmico e heterossexual, patologizando toda conduta sexual que corrompe esses valores, criando as perversidades sexuais. “Os recém inventados “perversos e pervertidos” sexuais fazem sucesso no palco das ciências da psique como o espetáculo da anormalidade” (LEITE, 2009, p. 6). Característica do espetáculo também produzida agora na cultura de massas, utilizando da anormalidade para dar início à caracterização de um negócio lucrativo e padronizado no mercado:

Dentro do mundo do entretenimento, a pornografia não apenas vai espetacularizar a prática sexual como também criar seu próprio *freak show* (show de aberrações) cujos protagonistas serão, claro, os tais “perversos” ou “pervertidos” das ciências da psique. Desde seu início, a produção pornô apresenta imagens com penetrações de garrafas nos orifícios corporais, sexo com urina ou corpos considerados fora dos padrões de beleza da época, como mulheres muito gordas ou anões (LEITE, 2009, p. 6)

No século XX, com o cinema e o videocassete, a legalização do entretenimento adulto se fortifica como um negócio. Com a vinda da internet, a produção pornográfica se prolifera, e torna-se um gênero cinematográfico que auto se gerencia, criando duas categorias dentro desse mercado, o “soft core” que se caracteriza tal como o erotismo, que apenas insinua o ato sexual e o “hard core” que mostra o sexo explícito. Por conseguinte ao acessar sites pornográficos depara-se com sub-categorias, tais como orgia, sexo anal, sexo vaginal, interracial, jovens, desenho, facial, masoquismo, sadomasoquismo, fetiche, entre outros. Toda essa diversidade serve para “uma melhor aceitação social e conseqüente ampliação de consumidores e estruturando-se de maneira cada vez mais formal, resultado de sua consolidação como indústria legalizada de “entretenimento adulto” (LEITE, 2009, p. 6).

Considerando o contexto histórico explicitado, Moraes e Lapeiz (1985) descrevem sobre três discursos que tentaram definir a pornografia durante o tempo. O primeiro onde as autoras exemplificam-o logo após a Revolução Francesa, mais precisamente na Inglaterra durante a Era Vitoriana, denominado o discurso da moral. Os conservadores

partiam da premissa que a “Pornografia é pura licenciosidade e deve ser absolutamente reprimida” (MORAES; LAPEIZ, 1985, p. 40). A sexualidade era unicamente vista como processo de reprodução da espécie, e toda forma de cunho sexual fora dessa concepção era considerado repulsivo socialmente, perverso, justamente pelo contexto social da época, que era alicerçado no moralismo e tinha o estereótipo do heterossexual como padrão de normalidade, determinando as perversões como patologias.

O segundo discurso denomina-se libertino, propaga que a “Pornografia é liberação do sexo, e deve ser mais e mais incentivada” (MORAES; LAPEIZ, 1985, p. 40). Remetendo-se ao Marquês de Sade e sua obra 120 Dias de Sodoma, fica claro a libertinagem da sexualidade, que por meio de 600 cenas, o autor demonstra diversificadas formas de sexo, das quais as mais perversas envolvem violência e assassinato. É por meio dessa explicitação do sexo, do erótico, da transgressão, que o discurso libertino transita na sociedade capitalista, porém com o acréscimo do consumismo. Aspecto esse que impõe uma liberdade dentro do sistema de consumo, cuja a pornografia segue uma padronização do corpo como objeto de gozo, utilizado compulsivamente.

As autoras Moraes e Lapeiz (1985) nomeiam o terceiro e último discurso como libertário, descrevendo-o como uma crítica utilizada pelo público feminista e homossexual contrapondo os dois discursos anteriores, com o intuito de olhar para a sexualidade de outra maneira. Vai ao desencontro dos estereótipos e da objetificação do corpo, impostas pela sociedade capitalista, patriarcal e machista.

Discursa fortemente que é colocado à mulher o papel de submissão nas produções da indústria pornográfica, principalmente como alvo de violência física e psicológica. Alguns dos discursos feministas radicais chegam a dizer que a pornografia induz à violência. Moraes e Lapeiz (1985), pontuam que realmente a pornografia é misógina, porém é necessário uma melhor fundamentação para tais colocações quando se aborda o assunto violência. As autoras ainda apontam que na produção pornográfica deve-se ir além dos órgãos genitais e dos desejos masculinos, incorporando também os desejos femininos e homossexuais, buscando a singularidade liberal e abstrata ao mundo do consumo, do gozo e do desejo. “Que todos os desejos possam expressar-se, e *vive la difference!*” (p.53).

VÍCIO E/OU COMPULSÃO SEXUAL

Tendo em vista o que já foi explicitado sobre a pornografia até este momento, compreende-se que ela é um espaço de subjetivação, ou seja, uma forma de constituição da relação entre sujeito e mundo social/cultural. O conhecimento produzido sobre esse fenômeno, tamanha complexidade, não pode estar desvinculado do contexto mais amplo no qual são produzidas as representações que sustentam e organizam a vida social, conferindo sentido as ações humanas.

O desenvolvimento tecnológico e consequentemente o da internet possibilitaram a produção e o consumo da pornografia em alta escala. Mesmo ainda vista como um tabu e algumas vezes

relacionada ao obsceno, se abriu um espaço para a sua exploração, com a criação de novas categorias e gêneros dentro do contexto online. Com o acesso facilitado da internet, a pornografia é visualizada por meio de smartphones, notebooks e TVs, em qualquer hora e local do dia. Devido ao avanço da internet, e a larga escala de produção de material audiovisual pornográfico, o compulsivo sexual que tem o seu vício na pornografia tem mais facilidade de acesso a esses conteúdos. O termo compulsão sexual será utilizada neste trabalho como sinônimo de vício ou adição, justamente pelo fato de pesquisas brasileiras sobre esse assunto serem quase nulas quando relacionadas à pornografia.

Pesquisas americanas em neurociência sobre o vício, tem comparado que vícios comportamentais tem a ativação cerebral parecida com a que ocorre com o vício em drogas (VOSS, et al, 2015). Voon (2014) em seu estudo com sujeitos com comportamento sexual compulsivo e sujeitos saudáveis frente a suas alterações neuronais ao assistirem pornografia, aponta que os compulsivos sexuais tem maior alteração cerebral, podendo ser comparados aos dependentes em substâncias.

Conforme Medeiros, et al (2013), quando o consumo de drogas passa a ser abusivo e torna-se uma dependência, seus efeitos nocivos ficam evidentes, sejam físicos, emocionais ou sociais, afetando assim também seus familiares. Então a neuropsicologia determina que os vícios são resultados de ações compulsórias ou impulsivas mediante a necessidade de obter prazer, mesmo que acarrete consequências negativas no cotidiano (YOUNG; ABREU, 2010). Neste sentido, Godman (2005 *apud* ABDO e SCANAVINO, 2008, p. 109) traz

uma série de critérios diagnósticos para a compulsão sexual adaptados de critérios para transtornos relacionados a substâncias do DSM-4, são eles: 1) quando a satisfação pelo vício não ocorre por inviabilidade do comportamento, a prática sexual tem sua necessidade cada vez mais intensa; 2) quando o sujeito tenta evitar e controlar o comportamento sexual, é acometido pela abstinência, passa a ter sintomas de desconforto físico, como o aumento da ansiedade, irritabilidade e alterações de humor; 3) sujeito tem fracasso em tentar controlar o comportamento; 4) rotinas são cada vez maiores para a obtenção da satisfação sexual; 5) prejuízo nas dimensões da vida do sujeito.

Nesta pesquisa, quando se trata de comportamentos sexuais disfuncionais, o termo compulsão sexual classificada dentro do Manual clínico dos transtornos do controle dos impulsos, é o que melhor representa tais condições, pois “a impulsividade é descrita como uma característica do comportamento marcada por reações rápidas e não planejadas, em que a avaliação das consequências não é realizada, ou o é apenas de forma parcial, focando-se preferencialmente em aspectos imediatos em detrimento das consequências a longo prazo” (TAVARES; ALARCÃO, 2008, p. 19). A Associação Americana de Psiquiatria em sua quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) não incluiu a Compulsão Sexual em pornografia, porém classificou outros Transtornos do Controle do Impulso, em que “envolvem problemas de autocontrole de emoções e de comportamentos” (p.461), tais como Cleptomania; Tricotilomania; Transtornos da alimentação; entre outros. Estes transtornos também são classificados dentro

do Manual clínico dos transtornos do controle dos impulsos, tais transtornos estão agregados por uma semelhança referente a questão da Impulsividade.

A Compulsão Sexual é caracterizada pela compulsão em práticas sexuais, em que acontece a perda da capacidade de controle do impulso e este ato pode gerar uma grande tensão, principalmente quando o sujeito não consegue realizar a prática sexual, pois os viciados possuem maior compulsão a repetir o ato, “remetem tanto a uma dificuldade em inibir o impulso (faceta impulsiva) quanto à tendência a repeti-los (faceta compulsiva)” (ROSSINI, 2008, p. 41). Conforme Carnes (1989 *apud* ABDO e SCANAVINO, 2008), o compulsivo sexual possui fissura, ficando fixado em pensamentos sobre sexo e criando rotinas para a realização do comportamento sexual, neste caso para assistir pornografia. O comportamento sexual é realizado independentemente dos possíveis prejuízos na vida do sujeito, podendo ou não colocar sua vida em risco, acontecem de forma impulsiva e sem controle.

A partir disso, este trabalho compreendeu os impactos na vida de homens heterossexuais que passaram a utilizar a pornografia de maneira compulsória, identificando esses impactos em três esferas específicas que são a do relacionamento amoroso, do âmbito social e do âmbito laboral/escolar.

MÉTODOS

Esta pesquisa foi caracterizada como qualitativa, de natureza exploratória, que conforme Gil (2008, p.46) “são

desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”. A pesquisa é também um estudo de caso e teve um corte transversal, pois foi realizada num único momento. Dessa maneira, na pesquisa qualitativa, o pesquisador foi a campo para explorar sobre os impactos do vício em pornografia no cotidiano de homens heterossexuais.

A pesquisa foi realizada com três participantes adultos, do sexo masculino. Os critérios para seleção dos participantes incluiu ser homem que faça a utilização de pornografia no seu dia a dia de forma disfuncional, de modo que o uso traz prejuízos e ter em seu discurso ser viciado em pornografia.

A seleção dos participantes foi por meio das redes sociais e aplicativo de mensagem instantânea. A participação foi voluntária e o contato com os participantes ocorreu por telefone e rede social. Uma entrevista ocorreu em um local disponibilizado pela universidade, em que teve o critério de escolha ser um local livre de interrupções, as outras duas entrevistas ocorreram por Skype, sem a utilização de vídeo, apenas com áudio, por solicitação dos entrevistados.

A coleta se deu através de uma entrevista semiestruturada, a qual é constituída pelos dados de caracterização do sujeito, por um roteiro pré-determinado que foi construído com a decomposição das variáveis relacionadas ao tema da pesquisa. Assim, foi verificado os impactos do vício em pornografia no âmbito laboral, na relação amorosa e no aspecto social, resultando em 17 perguntas, que levou em média 30 minutos cada entrevista. Inicialmente foram marcadas seis

entrevistas, porém apenas três foram realizadas de fato, por motivos de desistência da parte dos participantes, alegando dificuldade de privacidade familiar para fazer a entrevista via Skype.

Segundo a Resolução do Conselho Nacional da Saúde, Número 466/12, a dispensa do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido se justifica "nos casos em que [...] esta obtenção signifique riscos substanciais à privacidade e confidencialidade dos dados do participante ou aos vínculos de confiança entre pesquisador e pesquisado", isso se aplica a esta pesquisa visto que os sujeitos estão em uma condição de falar de questões que abordam sobre sua sexualidade; e como se trata de um comportamento disfuncional relacionado à sexualidade, que por sua vez ainda é considerada socialmente um tabu, o fato do sujeito precisar se identificar na assinatura do termo poderia implicar em negativas à participação nesta pesquisa.

A referida pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UNISUL, conforme as regras da instituição, antes de ser aplicada.

Com o intuito de facilitar a análise dos dados foi utilizado um gravador para registrar as entrevistas e, em seguida, permitiu que elas fossem transcritas e analisadas na íntegra. Após a transcrição das entrevistas, foi utilizada a análise de conteúdo proposta pela autora Bardin (2011).

ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo é apresentado e analisado os dados colhidos durante as

entrevistas. Com a intenção de facilitar a visualização e permitir esquematizar a análise, foi dividido em três subcapítulos com base nos objetivos específicos, que se referem aos impactos do vício em pornografia no relacionamento amoroso, no aspecto social e no âmbito laboral/escolar.

Cada eixo foi dividido em categorias e subcategorias. O Quadro 1 traz uma visualização das características dos três participantes da pesquisa garantindo o devido sigilo, conforme previsto nos cuidados éticos inerentes a este trabalho.

Quadro 1: Caracterização dos sujeitos participantes

SUJEITO	IDADE	TIPO DE PORNOGRAFIA ACESSADA	FREQUÊNCIA	PROFISSÃO
H1	22 anos	vídeos: amador, fantasiosos e com história.	- todo dia - horas diárias	Auxiliar de escritório
H2	18 anos	vídeos: fetiches, amador, hetero, menage, snuff (violência sexual), sem história.	- todo dia - 3 vezes ao dia - 20 minutos por vez - 5 a 10 vídeos	Estudante
H3	22 anos	vídeos: amador	- todo dia - 4 a 5 vezes ao dia - duas em duas horas	Vendedor de certificado

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

Todos os participantes da pesquisa relataram que a utilização da pornografia teve início em idade precoce, entre 8 a 11 anos de idade, H2 “*Quando tinha 8 anos, tive o primeiro contato com a pornografia*” (SIC). Entretanto, todos os participantes constataram a existência do vício em pornografia e seus efeitos prejudiciais apenas na adolescência, H1 e H2 relatam que essa percepção veio a partir de como suas relações com suas namoradas se configuravam de maneira negativa, e o H3 aponta “*Eu li um pouco, tudo que eu lia se encaixava, daí comecei a analisar mesmo, realmente a relação com meus pais piorou muito, as relações com as pessoas tipo do sexo oposto*

pioraram muito” (SIC). No CID-10 é apontado que o impulso sexual excessivo inicia normalmente no final da adolescência. Porém, mesmo com a constatação do vício, nenhum dos participantes buscou tratamento psiquiátrico ou psicológico. Conforme Abdo e Scanavino (2008), a compulsão sexual é seguida por um aspecto de negação da parte do portador e, possivelmente, isso impede a busca do tratamento no início do vício. A fala do H2 exemplifica essa negação “*Ela pediu pra eu parar, mas como a maioria dos viciados, eu disse que ia parar mas não parei, continuei. Tentei parar, mas no começo não adiantou, pensava que não*

tinha problema nenhum, que era normal e tal. Não iria me prejudicar” (SIC).

Ainda sobre a caracterização dos participantes, vale ressaltar que o estímulo de masturbação acompanhou o vício em pornografia nos três sujeitos, diferindo apenas a necessidade do estímulo entre eles. O H1 verbaliza que não tinha a necessidade de se masturbar quando via pornografia, o H2 se masturba constantemente, porém havia vezes que não precisava desse estímulo, *“assistia bastante e daí começava o vício da masturbação, até tinha vezes que só via o vídeo porno” (SIC)*, e o H3 obrigatoriamente precisava do estímulo de se masturbar quando via pornografia. Neste sentido, Abdo e Scanavino (2008) confirmam que a utilização da pornografia normalmente está associada a

masturbação. “A excitação sexual que a pornografia encontra tem semelhanças com a questão da masturbação: embora essa atividade sexual possa ser realizada sem a presença de outro, esse outro dá suporte às fantasias masturbatórias.” (NETO e CECCARELLI, 2015, p. 17).

OS IMPACTOS NO RELACIONAMENTO AMOROSO

Nas entrevistas foi possível perceber efeitos nocivos decorrentes do vício em pornografia em diversas esferas da vida do sujeito. No que se refere ao relacionamento amoroso, foi constatado três categorias de análise, descritos no Quadro 2.

Quadro 2: Os impactos do vício em pornografia no relacionamento amoroso

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA
Disfunção sexual	Disfunção erétil	H1
	Ejaculação retardada	H1 e H3
Isolamento afetivo	Prejuízo no vínculo afetivo	H2 e H3
	Visão da parceira como objeto	H1, H2 e H3
Relacionamento abusivo		H1 e H2

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

A categoria **Disfunção Sexual** refere-se à presença de problemas sexuais dos participantes relacionadas ao vício em pornografia que ocorre no momento em que vão realizar a relação sexual com parceiras do sexo oposto, dificultando o desempenho e prazer sexual. Conforme Fonseca e Beresin (2008, p. 431), “a

disfunção sexual denota apreciação ou desempenho sexual alterado ou insatisfatório. A disfunção sexual designa-se como um distúrbio repetido do interesse e/ou desempenho sexual normal em homens”. O DSM-5 aponta como disfunções sexuais: ejaculação retardada, disfunção erétil, transtorno do desejo sexual masculino hipotivo, ejaculação

SUZIN, M. H. B. (2016). “Igual a maioria dos viciados, eu disse que ia parar, mas não parei”: os impactos do vício em pornografia no cotidiano de homens heterossexuais.

precoce, disfunção sexual induzida por substância/medicamento, entre outros tipos. Nesse sentido, foram levantadas, na fala dos participantes, subcategorias que englobam a categoria Disfunção Sexual, sendo elas: disfunção erétil e ejaculação retardada.

A subcategoria **disfunção erétil** como aponta o DSM-5 e também o CID-10, no caso de homens, é a falha da resposta genital, geradora de dificuldade para que o sujeito tenha uma ereção satisfatória durante a relação sexual. Como forma de ilustrar esta subcategoria, é citada a fala do H1: “*é uma coisa que me incomodou boa parte da minha vida, de ter impotência, de não conseguir ereção desejada na hora do sexo*” (SIC). O participante aponta ter que imaginar muitas cenas pornográficas antes do sexo, e mesmo assim acaba ocorrendo a impotência. Chegou a ir a um urologista e em uma sexóloga devido à disfunção, porém afirma que não teve sucesso nos tratamentos, conseguiu algum progresso quando relacionou a impotência com o vício em pornografia. Portanto, conforme os critérios diagnósticos da adicção sexual, citado por Gigliotti e Guimarães (2007), o H1 mesmo afirmando a relação da disfunção sexual com o vício em pornografia, continuou com o comportamento prejudicial. Possivelmente essa continuidade se manteve não apenas pelo vício, mas também pelo fato da pornografia estar tendo parcialmente um uso funcional para ele. “Podemos dizer que, quando a afetividade está ausente, a pornografia pode ser uma ‘opção’ de satisfação, embora puramente para a descarga da excitação” (NETO; CECCARELLI, 2015, p. 17). O participante utiliza a pornografia como

maneira de se excitar para conseguir ter a relação sexual com a parceira.

A subcategoria **ejaculação retardada** como aponta o DSM-5, é definida como o “retardo acentuado ou incapacidade de atingir a ejaculação”. Neste caso, o H1 e H3 afirmam não conseguir ejacular em nenhum momento durante a relação sexual e isso acaba por dificultar o prazer. A fala do H3 exemplifica bem essa categoria “*quando tu não consegue sentir prazer é problema, ficar meia hora transando e você simplesmente não conseguir gozar, é uma coisa que atrapalha muito*” (SIC). Ambos participantes relacionam as disfunções sexuais com o vício em pornografia, alegando que o sexo visto nos vídeos pornográficos é mais prazeroso que o sexo realizado com as parceiras. Levando em consideração que a pornografia é produzida com o foco em satisfazer os desejos masculinos, como é afirmado por Moraes e Lapeiz (1985), quando os participantes se deparam com o sexo real com suas parceiras, acabam por se frustrarem pela diferenciação, por terem que se relacionar com o outro, que antes estava distante afetivamente, atrás de uma tela. Neste sentido, cabe ser discutida na segunda categoria: Isolamento Afetivo.

A segunda categoria **Isolamento afetivo** aborda a dificuldade dos participantes da pesquisa de sustentar os laços afetivos ou vínculos criados no campo afetivo com suas parceiras. Desta forma, permite uma visualização da separação feita pelo homem do sexo e do afeto. Isso porque, ficou evidente o quanto os participantes descrevem a relação sexual dissociada da relação afetiva com suas parceiras. Esta dissociação é destacada por Borges e Schor (2007) como

aspectos dos padrões tradicionais de masculinidade, em que homens são tencionados socialmente a segui-los, reprimindo o afeto, não podendo demonstrar seus sentimentos por ser sinal de fraqueza. Segundo Abdo e Scavino (2008, p.106), a fisiopatologia da compulsão sexual indica que essa dificuldade do afeto também está relacionada com “déficits intrínsecos dos sistemas que regulam os afetos: o motivacional, o de recompensa e o da inibição do comportamento, respectivamente associados a desajustes nos sistemas noradrenérgico, dopaminérgico e serotonérgico”, gerando assim problemas no controle e na regulação afetiva, deixando o sujeito instável emocionalmente. Desta forma, o uso compulsório da pornografia, pode ser vista como uma forma de proteção inconsciente do sujeito contra esses afetos. Possivelmente os afetos passaram a representar uma ameaça em algum momento da construção de sentidos e significados de cada sujeito, em que foram permeados por esses aspectos fisiológicos, sociais, culturais e históricos. Para permitir uma melhor compreensão dessa categoria, foram formadas duas subcategorias: Prejuízo no vínculo afetivo e Visão da parceira como objeto.

A subcategoria **prejuízo no vínculo afetivo** apareceu por meio das falas do H2 e H3, e ilustra a dificuldade deles de se vincular afetivamente com suas parceiras. Quando o H2 foi questionado sobre a relação afetiva com sua namorada, afirma que *“A relação afetiva foi o que fez eu perceber o vício no caso, que eu comecei a colocar muito a relação sexual dentro da afetiva, ou seja, ignorando os sentimentos e só pensando no desejo carnal”* (SIC).

Percebe-se que o participante estabelece uma separação entre a relação sexual e a relação afetiva; localiza o desejo sexual em primeiro plano e acaba por ignorar a relação afetiva. Conforme Neto e Ceccarelli (2015), se o sujeito tem inconscientemente o afeto para si como uma ameaça, isso dificulta o seu acesso a ele, portanto, a utilização da pornografia vem para aliviar essa tensão interna por meio da sexualidade excessiva. *“A pornografia é o erotismo esvaziado de afeto”* (CECCARELLI, 2004, p. 66).

A subcategoria **visão da parceira como objeto** refere-se à percepção de todos os participantes sobre suas parceiras, delegando a elas o papel de objeto de uso sexual. A fala do H2 exemplifica essa subcategoria *“comecei a ver minha namorada muito como um objeto pra me dar prazer, então depois disso percebi que estava viciado, eu acabava nem ligando pros sentimentos dela, só queria saber de sexo, namoro não se constrói com isso.”* (SIC). Aqui cabe ressaltar o aspecto dos papéis de gênero presente nas respostas dos indivíduos em que Giddens (2012, p. 430) afirma que *“o gênero está ligado a noções socialmente construídas de masculinidade e feminilidade, diz respeito às diferenças psicológicas, sociais e culturais entre homens e mulheres”*. Deste modo, o papel socialmente atribuído à mulher é de passividade e de submissão e que muitas vezes é vista como objeto, por conta dos meios midiáticos e comunicacionais. A pornografia é o produto da sociedade não só machista como também misógina. Observa-se também que ao cessar o período de negação do vício, os participantes então perceberam que tinham essa visão distorcida sobre suas parcerias, acarretando

assim, sentimento de culpa. Esta constatação não acusa uma escolha do sujeito de agir assim, mas acusa as relações de poder ou as verdades impostas pela sociedade, como afirma Foucault:

para assinalar simplesmente, não o próprio mecanismo da relação entre poder, direito e verdade, mas a intensidade da relação e sua constância, digamos isto: somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade e que necessita dela para funcionar, temos de dizer a verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou encontrá-la (1999, p.29).

Ou seja, nesta lógica, os participantes são permeados por essas relações de poder sem estarem conscientes sobre elas muitas vezes, então são posicionados como opressores, consequentemente haverá o oprimido. Entretanto, Foucault também aponta que o sujeito tem possibilidade de perceber e resistir a essas relações, “por trás de todos os consentimentos e coerções, para além das ameaças, das violências e das persuasões, há a possibilidade [...], os homens se revoltam” (1994, p. 791), e neste caso, os participantes se sentem culpados por assumirem a posição de opressor e, por meio do sofrimento, buscam resistir a esse poder e mudar seu comportamento.

A fala do H1 reforça sobre a produção pornográfica “O que aconteceu comigo, eu com 14 anos, vendo vendo vendo pornografia, nunca tinha transado, nunca tinha tido a experiência sexual de verdade, e já estava na pornografia [...], então tua ideia sobre sexo é uma coisa que não é real, as vezes fantasioso” (SIC).

Percebe-se então que a pornografia serviu de referência não apenas para sexualidade do participante, mas por trás disso também é denunciado as referências para as relações afetivas com as parceiras, colocando-as unicamente como objetos sexuais. Neste sentido, Viera e Stangel (2010), discutem sobre o impacto do consumismo nas relações amorosas “O outro é tratado como um objeto de consumo e julgado pelo volume de prazer que ele oferece” (p.151). Aparentemente a depreciação da mulher vem no sentido de excitação sexual ao homem dentro desta cultura pornográfica, como afirma Neto e Ceccarelli (2015).

A terceira e última categoria denominada **Relacionamento abusivo** refere-se à violência sexual exercida pelos participantes H1 e H2 sobre suas parceiras. Conforme a Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006, “Lei Maria da Penha”, no seu Art. 7º, a violência sexual é “[...] entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade [...]”. Para caracterizar essa categoria foi utilizada a fala do H2:

chegou vezes que eu quase forcei ela a ter relação, cheguei a me arrepender tempos depois, mas foi de tanta vontade e foram no caso dias vendo pornografia que fiquei com tanta vontade de fazer, que acabei quase obrigando ela a fazer sexo e nisso acabei brigando com ela, quase terminamos e foi um

episódio que me marcou bastante, [...] sabe quando o marido obriga a mulher a fazer algo e ela faz só porque gosta ou tem medo dele, foi mais ou menos isso (SIC).

O participante fazendo o uso exacerbado da pornografia, e conseqüentemente tendo o desejo de realizá-la por meio do ato sexual, se vê impossibilitado de fazer-la quando a parceira nega, então se torna agressivo e acaba por sujeitar a parceira a ter a relação. Conforme Tavares e Alarcão (2008), quando o desejo sobre o objeto é muito intenso, e o sujeito se vê inviabilizado, tem dificuldades em encontrar outras maneiras de conseguir a satisfação. Conseqüentemente com “a exacerbação dos impulsos [...], ocorre à perda de controle sobre a agressividade” (p.24) e a falha da capacidade de resistir aos impulsos sexuais. Nesta categoria também vale ressaltar a pornografia permeando novamente as relações afetivas dos participantes, no sentido de “uma representação da sexualidade que aspira a controlar a resposta sexual do observador” (PRECIADO, 2010, p. 141). Relacionando

que a situação ocorrida foi com o H2 e em que ele foi o participante que tinha preferência em assistir vídeos do tipo snuff (sexo com violência física), percebe-se que além da agressividade gerada pela dificuldade no controle do impulso, a violência disponibilizada pela pornografia serve como a maneira dificultosa de saciar o desejo compulsório sexual, agravando o impacto gerado pelo vício.

Percebe-se nesse primeiro eixo da análise, a construção social da pornografia como um agravante da compulsão sexual. Os impactos gerados pela compulsão sexual são analisados a partir do controle dos impulsos, e são observados também pela discussão da sexualidade permeada pelas relações de poder, em que a pornografia é construída a partir desses pressupostos.

OS IMPACTOS NO ÂMBITO SOCIAL

No que se refere ao âmbito social frente aos impactos do vício em pornografia, foi constatado três categorias de análise, descritos no Quadro 3.

Quadro 3: Os impactos do vício em pornografia no âmbito social

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA
Isolamento afetivo		H1, H2 e H3
Ausência de atividades sociais		H2 e H3
Descaracterização do ser humano	Descaracterização de mulheres	H1, H2 e H3
	Descaracterização de pessoas em geral	H2 e H3

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

A primeira categoria é relativa ao **Isolamento afetivo**, e refere-se a dificuldade dos participantes da pesquisa de sustentar os laços afetivos ou vínculos criados no campo afetivo com a família e os amigos. Foi observado durante as entrevistas que os participantes perceberam que passaram a ser mais agressivos e instáveis emocionalmente devido ao vício, gerando dificuldades na relação com sua rede social, H3 *“comecei a ver realmente tudo que estava afetando na minha vida, minhas relações, pois não afeta apenas a relação com as pessoas, mas com a tua família também”* (SIC). A categoria apresentou-se no sentido em que todos os participantes por estarem instáveis emocionalmente e sentirem receio de contar sobre o vício para a família, acabou acarretando o afastamento entre eles. A fala do H3 exemplifica essa subcategoria *“A relação com a família, fica uma coisa bem conturbado, muita briga, você acaba ficando irritado também, tu muda teu humor, muda teu jeito de ser, tu fica mais anti-social, tipo a uma pessoa fala uma coisa pra você, você já fica bravo fica explosivo, começa a mudar o jeito que você é realmente”* (SIC). O participante sentiu raiva e frustração por estar com dificuldade em manter as relações familiares de maneira afetuosa. As perdas pessoais causadas pela instabilidade emocional geram sofrimento para o sujeito, acometendo o seu convívio familiar e social, *“provocando relacionamentos íntimos disfuncionais ou até mesmo impedindo a ocorrência deles”* (ABDO e SCANAVINO, 2008, p. 105). Referente a árdua tarefa de relatar sobre o vício para família ou amigos por vergonha, demonstra o tabu em torno da sexualidade. O H1 foi o participante que conseguiu contar para a namorada e três amigos

“Como eu falo só pra algumas pessoas que eu tenho certeza que dá pra contar, são pessoas com cabeça mais aberta” (SIC). O H2 contou apenas para a namorada e um amigo, e o H3 não contou para ninguém da sua rede familiar ou de amizade. Conforme Moizés e Bueno (2010, p.1) *“quando se fala sobre sexo e sexualidade, muitos remetem a valores e crenças revestidas de preconceitos, tabus, mitos e estereótipos”*. Portanto, por vergonha, repressão e desconhecimento, os participantes não contaram sobre o vício, gerando frustração de certa forma por não terem uma rede de apoio familiar presente e nem mesmo ter como aproxima-los.

A categoria **Ausência de atividades sociais** apresentou-se como o desinteresse dos participantes H2 e H3 frente a momentos de lazer com amigos ou a busca de outras atividades fora de casa. A fala do H3 ilustra esse desinteresse *“tipo não ter vontade de sair de casa, só queria ficar em casa, sem vontade de nada [...]”, se eu ficasse naquele lugar eu ia sentir vontade de fazer, às vezes estava casa levantava de manhã batia o vicio, estava sem fazer nada batia o vicio”* (SIC). O participante mesmo percebendo que o ócio o levaria a ver pornografia, não buscava outras atividades a não ser jogar videogame ou se manter na compulsão sexual. Neste sentido, Gigliotti e Guimarães (2007) afirmam que o comportamento compulsivo acaba por limitar a busca do sujeito por outras atividades recreativas e sociais. Percebe-se também que o envolvimento em atividades sociais poderia inviabilizar a visualização da pornografia, gerando irritabilidade no participante pela falta do estímulo.

A categoria observada como **Descaracterização do ser humano** é

relativa ao processo dos participantes de descaracterizar as pessoas frente as suas qualidades humanas, nomeando-as como objetos. A categoria foi subdividida em duas subcategorias, a “Descaracterização de mulheres” feita por todos os participantes e a “Descaracterização de pessoas em geral” realizadas por H2 e H3, em que são os dois sujeitos que mais tiveram incidência frente ao impacto no âmbito social.

A subcategoria **Descaracterização de mulheres** remete-se novamente ao tema de papéis de gêneros discutido no primeiro eixo, de modo que os participantes têm a percepção de todas as mulheres, não apenas suas parceiras, como objetos sexuais. Conforme as palavras de H2 “*you look at a woman and you only see her as a hole to fill*” (SIC). Neste sentido, os participantes têm em sua visão a objetificação do corpo da mulher, como o objeto sexual que é submisso, dominado, sem emoções e sem sentimentos. Sobre esse domínio dos corpos, Foucault (2005) afirma que houve

(...) uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então - ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam. (...) “É dócil o corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. (p. 117 - 118)

Essa citação aponta a necessidade de ir além da compreensão em que a pornografia tem seu objetivo único de excitação sexual, e perceber a existência do controle sobre os corpos por meio do discurso da sexualidade aceita e construída

socialmente pelo poder patriarcal. É sair da crença de uma pseudo encenação performática entre atores, e ver a verdadeira representação das relações de poder, em que reforçam a desigualdade dos gêneros, escolhendo a mulher como objeto sexual.

A subcategoria **Descaracterização de pessoas em geral** é relativa à percepção dos participantes H2 e H3, frente a todas as pessoas, nomeando-as como objetos descartáveis. A fala do H2 exemplifica “*it's something that starts to degrade a lot of human in it and degrades a lot inside of your head too that you start to see people not as human, but as disposable*” (SIC). Percebe-se que o sentido de objeto descartável atribuídos pelos participantes, vai ao encontro da lógica do capitalismo, em que o que é consumido logo pode e deve ser substituído. Quando o outro não satisfaz mais as necessidades do participante, a manutenção do vínculo fica dificultosa, em que é mais plausível optar pelo descarte. Neto (2015) nessa perspectiva, afirma que o sujeito acaba por limitar o espaço da sua subjetividade, lugar que passa a ser ocupado pela superficialidade do consumo e do descartável, em que o consumidor torna-se o próprio objeto e consome a si mesmo. A lógica do consumismo acarreta assim, uma maior dificuldade do reajuste afetivo causado pela compulsão sexual, tanto no seu aspecto psicossocial como no seu aspecto fisiológico. Neste sentido, Carvalho (2012) aponta que o instrumento midiático, nesse caso a pornografia, é produtora da subjetivação do indivíduo por meio da produção do desejo direcionado ao consumo, permeando suas relações afetivas.

OS IMPACTOS NO ÂMBITO LABORAL/ESCOLAR

vício em pornografia, foi constatado 2 categorias de análise, descritos no Quadro 4.

No que se refere ao âmbito laboral/escolar frente aos impactos do

Quadro 4: Os impactos do vício em pornografia no âmbito laboral/escolar

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	FREQUÊNCIA
Prejuízo na rotina laboral	Abandono do local de trabalho	H3
	Baixa produtividade	H1 e H3
	Dificuldade de concentração	H1, H2 e H3
Isolamento Social		H2 e H3

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

A categoria **Prejuízo na rotina laboral** refere-se a dificuldade de manter a rotina de trabalho adequada dentro do previsto pela instituição e pelo próprio sujeito, por ter o desejo compulsivo de ver pornografia, gerando sensação de culpa e frustração. Essa dificuldade é gerada pela incapacidade dos participantes de controlar os impulsos, não conseguindo ver outras possibilidades a não ser a de ver a pornografia, ou seja, conforme Tavares e Alarcão (2008, p.34), “o que se encontra alterado no impulso não é sua elaboração, mas a força inescapável do desejo que fixa um objeto e não admite alternativas”. Esta categoria, de acordo com o conteúdo das falas, foi dividida em três subcategorias: Abandono do local de trabalho, Baixa produtividade e Dificuldade de concentração.

A subcategoria **Abandono do local de trabalho** foi referenciada pelo participante H3, em que relata não conseguir se controlar e ter ido até o

banheiro durante o horário de trabalho para assistir pornografia e se masturbar. H3 *“tinha dias que eu acabava fazendo durante o serviço, claro eu ia no banheiro e etc, você começa se sentir mal com você mesmo, entende? Tipo o que eu tô fazendo?”* (SIC). O participante demonstra não ter controle sobre a ação, busca satisfazer o seu desejo pelo estímulo a qualquer custo. Lage et al (2011) aponta que o sujeito tem poder de autoanálise baixo, em que acaba por não conseguir refletir sobre as consequências do seu ato impulsivo antes de acontecer, o desejo se realiza na satisfação momentânea independentemente dos riscos futuros. Neste caso, o risco seria a perda do emprego do participante. Conforme Glanzner et al (2011), o sujeito busca realizar-se e satisfazer as suas necessidades sociais por meio do trabalho. A sua inviabilização pode ser geradora de sofrimento e adoecimento. Deste modo, a compulsão sexual impossibilita que o participante subjetive-se de maneira satisfatória por meio do trabalho. Na fala

do H3 também apareceu uma consciência negativa de culpa sobre o ato impulsivo após a sua realização. Carnes (1989 apud ABDO e SCANAVINO, 2008, p. 102) afirmam que “após o ato, o indivíduo é acompanhado por uma sensação de impotência e, muitas vezes, de remorso”.

A subcategoria **Dificuldade de concentração** abrangeu todos participantes. É relativa à dificuldade dos participantes de se manter concentrados nas atividades laborais e escolares, devido ao desejo de ver pornografia. Neste sentido, o H2 refere-se sobre as atividades escolares “*um desejo incontrolável e imaginação também, ficava relembrando da pornografia, criando os filmes, [...] às vezes eu estava sentado na carteira, começava a viajar, e não podia mais levantar, tentava pensar em qualquer outra coisa, pra depois levantar*” (SIC). O participante na sala de aula não conseguia controlar os pensamentos sobre a pornografia, gerando excitação e ereção. Desta maneira, acabava por perder o foco das atividades de sala. Lage et al (2011) afirma que em situações que necessitam de atenção, o sujeito sofre invasão de pensamentos automáticos sobre o objeto escolhido pela compulsão devido a falta de controle dos impulsos.

Para exemplificar essa subcategoria por meio das atividades laborais foi utilizada a fala do H1: “*primeiro preciso matar aquela vontade e depois fazer, as vezes faço isso de ver pornografia só pra conseguir me concentrar pra fazer meu trabalho, por que se eu tiver que fazer tarefa e estiver com a vontade, eu não consigo fazer, preciso desse alívio antes*” (SIC). Neste caso, o participante necessitou satisfazer o estímulo de assistir pornografia, para só depois conseguir se

concentrar nas tarefas do trabalho. Neste sentido, Carnes (1989 apud ABDO e SCANAVINO, 2008, p. 102) apontam que o sujeito não se implica em fatores externos até não conseguir a satisfação por meio do vício.

O abandono do local de trabalho e a dificuldade de concentração devido ao vício ocasionam a subcategoria **Baixa produtividade**. Os participantes passam a ter baixo desempenho profissional frente a não realização ou ao atraso das atividades profissionais instituídas por seus cargos. A citação do H1 cabe para a sua ilustração “*as vezes atrapalha muito na minha produtividade, porque tu esta fazendo alguma coisa e está com vontade de ver pornografia, tu não vai conseguir fazer aquela coisa direito*” (SIC). O participante não consegue focar nas suas atividades devido ao impulso incontrolável e este ato gera uma grande tensão. O sujeito se vê preso em duas lógicas geradoras de sofrimentos, em que inviabilizam a sua potencialidade laboral. A primeira devido à compulsão sexual que o invade sem pedir licença, anuncia e exige o seu desejo impulsivamente. E a segunda, como aponta Sznelwar et al, (2011), refere-se novamente sobre a discussão da concepção capitalista de mundo, na qual as exigências sociais são postas e cobradas, onde sujeito deve produzir cada vez mais. O modo como se organiza o trabalho é predominante nessa situação, se ocorre alienação do sujeito, ou o espaço laboral é propício para a produção de saúde.

A categoria **Isolamento Social** é relativa ao afastamento dos participantes H2 e H3, frente às pessoas do seu local de trabalho ou escolar. H2 “*na escola eu era muito isolado, não tinha muitos amigos*” e H3 “*questão do trabalho, afeta também,*

você começa a ficar um pouco anti-social”. Na fala dos participantes, eles afirmam que devido ao vício acabam não tendo muito contato social. Portanto, novamente aparece sobre a dificuldade de vinculação afetiva e também a objetificação dos colegas, já que a relação deles não satisfaz sua necessidade perante o vício.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve por objetivo, identificar os impactos do vício em pornografia na vida de homens. A partir das entrevistas realizadas, foi possível compreender a percepção dos participantes sobre o fenômeno, bem como compreender os impactos que o vício trouxe para as suas vidas. Pode-se concluir no que concerne ao vício em pornografia, que ele gera impactos nas diversas dimensões da vida dos homens, estudadas a partir dos objetivos específicos desse estudo, foram eles: os impactos na relação amorosa, no aspecto social e no âmbito laboral/escolar.

Com relação aos impactos devido ao vício nessas três dimensões da vida dos sujeitos, os relatos trouxeram questões como a da disfunção sexual, problemas afetivos a partir das dificuldades dos participantes enfrentadas diante da incapacidade de controlar os impulsos, papéis de gênero permeadas por relações de desigualdade, isolamento social, baixa produtividade laboral, etc. Uma das questões abordadas pelos participantes foi relacionada à dissociação do afeto e do sexo, ocorrida nas relações com suas parceiras. E também a frustração diante da dificuldade de manter relações afetivas satisfatórias, em razão das quais, os

participantes são permeados pelas relações de poder diante de cenas vistas na pornografia, que os afetam indiretamente. A compulsão sexual ocorre pela perda da capacidade de controlar os impulsos, e por isso acaba por inviabilizar uma vida satisfatória. O sujeito vive em situações que são prejudiciais para si, como ausentar-se do local de trabalho para assistir pornografia, podendo assim perder o emprego, podendo inviabilizar a sua subjetivação por meio do trabalho.

O contexto familiar deve ser levado em consideração quando abordamos o assunto vício. A psicodinâmica da família pode ser determinante para o início da compulsão sexual, como também para o seu tratamento. A ausência de uma rede de apoio funcional na vida do sujeito acarretará possivelmente no agravamento dos impactos gerados pelo vício em pornografia, tais como, isolamento afetivo, agressividade, baixa capacidade comunicacional, entre outros. A busca pela pornografia pode ser uma fuga do sujeito, por ter dificuldade de se vincular afetivamente com sua família e/ou de não conseguir lidar de maneira satisfatória com seus problemas. Os tabus que permeiam a família, neste caso, sobre a sexualidade, é prejudicial ao sujeito, em que ele se sente acuado em falar sobre o que lhe acomete, imaginando que vai ser culpabilizado e reprimido. Neste mesmo sentido, vale destacar a dificuldade de contato com os participantes desta pesquisa, por terem que falar sobre questões que abordam sobre sua sexualidade, por meio de um comportamento disfuncional. Compreende-se então a necessidade de revigorar os vínculos familiares e ter uma maior conscientização sobre o vício em

pornografia como fator importante para o tratamento e recuperação.

O estudo evidenciou que a produção da pornografia é um agravante da compulsão sexual e deve ser revista quanto a seus modelos impostos de sexualidade construídos socialmente, de uma masculinidade dominante e uma feminilidade submissa. A indústria pornográfica constituída pelo capitalismo reforça a padronização dos corpos estereotipados e dos desejos. Na cultura de massa se perde a qualidade subjetiva das relações. Assim, a pornografia serve como uma referência precoce a jovens no caso desse estudo, para as suas relações sexuais e afetivas. A sexualidade quando aparece, ela exige sua realização. Portanto, a precocidade de uma sexualidade baseada em relações desiguais, gera a degradação do outro e de si próprio. A compulsão pela pornografia é a via em que o corpo social não controla o impulso das relações de poder.

A pornografia como meio de subjetivação do homem, é rica em possibilidades, é contínuo à criação de novos estilos, mesmo que ainda permeados pelas relações de desigualdade. Segue então, a necessidade de estudos sobre a produção pornográfica, agora dentro da lógica apontada pelo movimento pós-pornô. Deve-se buscar a desmistificação e despatologização da pornografia, para que não tenha a sua utilização apenas como reprodução do que está posto socialmente, mas sim servir como um dispositivo de crítica deste sistema que controla os corpos e refletir sobre uma nova construção de uma subjetividade baseada na potência de homens e mulheres igualitários, como seres de desejos e direitos.

REFERÊNCIAS

ABDO, Carmita Helena N.; SCANAVINO, Marco de Tubino. Compulsão Sexual. In: ABREU, Cristiano Nabuco de; TAVERES, Hermano; CORDÁS, Táki Athanássios, e organizadores. **Manual clínico dos transtornos do controle dos impulsos**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ABREU, Cristiano Nabuco de; TAVERES, Hermano; CORDÁS, Táki Athanássios, e organizadores. **Manual clínico dos transtornos do controle dos impulsos**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ARAÚJO, A.C., NETO, F.L. **A Nova Classificação Americana Para os Transtornos Mentais – o DSM-5**. Rev. Bras. de Ter. Comp. Cogn., 2014, Vol. XVI, no. 1, 67 – 82. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v16n1/v16n1a07.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2016.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. São Paulo: Arx, 2004.

BORGES, Ana Luiza Vilela; SCHOR, Néia. Homens adolescentes e vida sexual: heterogeneidades nas motivações que cercam a iniciação sexual. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n 1, p. 225-234, Jan. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2007000100024&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 out. 2016.

BRASIL. **Lei nº 11.340**, de 07 de agosto de 2006. Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher. Presidência da República, 2006.

CARVALHO, Paulo Roberto. Mídia e controle: implicações para a subjetividade contemporânea. **Espaço Acadêmico**. Maringá. n.136. Set. 2012. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/18401/9707>> Acesso em: 16 out. 2016.

CECCARELLI, Paulo Roberto. A perversão do outro lado do divã. In: **Destinos da Sexualidade**. PORTUGUAL, A. M (org.), São Paulo, Casa do Psicólogo, p. 243-257, 2004.

CICLITIRA, K. Pornography, women and feminism: between pleasure and politics. **SAGE Publicações** v. 7. Sheffield: Sexualities, 2004. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/249719843_Pornography_Women_and_Feminism_Between_Pleasure_and_Politics>. Acesso em: 05 abril 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FONSECA MFSM, BERESI R. Avaliação da função sexual de estudantes de graduação em Enfermagem. O mundo da saúde [Internet]. 2008 [cited 2012 jun 30];32(4):430-6. Disponível em: <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/65/03_Avaliacao_baixa.pdf> Acesso em: 20 out. 2016.

FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade: curso no College de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. *Inutile de se soulever?* In: DITS ET ECRITS III. Paris: Gallimard, 1994, p. 790-794.

_____. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2005.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GIGLIOTTI, Analice; GUIMARÃES, Angela. **Dependência, compulsão e impulsividade** – Rio de Janeiro: Editora Rubio, 2007.

GIL, Antonio Carlos.. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GLANZNER, Cecília Helena; Olschowsky, Agnes; Kantorski, Luciane Prado. O Trabalho Como fonte de prazer: Avaliação da Equipe de um Centro de Atenção Psicossocial. **Rev. Esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 716-721, Junho de 2011. Disponível a partir <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000300024&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 de outubro de 2016.

GUERRA, Valeschka Martins; ANDRADE, Fernando Cezar B. de; DIAS, Mardonio Rique. Atitudes de estudantes universitários frente ao consumo de materiais pornográficos. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 9, n. 2, p. 269-277, ago. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 abr. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2004000200008>.

HUNT, L. **A invenção da pornografia - A obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800** (Tradução: Carlos Szlak). São Paulo: Hedra, 1999.

LAGE GM, MALLOY-DINIZ LF, MATOS LO, BASTOS MA, ABRANTES SS, CORRÊA H. *Impulsivity and the 5-HTTLPR polymorphism in a non-clinical sample*. Plos One. 2011;6(2):e16927. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000196&pid=S1516-4446201200010001500039&lng=en> Acesso em: 10 out. 2016.

LEITE JR, Jorge. “A pornografia ‘bizarra’ em três variações: a escatologia, o sexo com cigarros e o ‘abuso facial’”. In: DÍAZ BENITEZ, Maria Elvira e FÍGARI, Carlos (orgs). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: CLAM, Garamond Universitária. No prelo, 2009.

_____. Labirintos conceituais científicos, nativos e mercadológicos: pornografia com pessoas que transitam entre os gêneros. **Cadernos Pagu**, Campinas-SP, n.38, 2012, p.99-128. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332012000100004&lng=pt&nrm=iso&tlng=en>. Acesso em: 5 maio 2016.

MEDEIROS, Katrucky Tenório et al . Representações sociais do uso e abuso de drogas entre familiares de usuários. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 18, n. 2, p. 269-279, jun. 2013 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722013000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 maio 2016.

MOIZES, Julieta Seixas; BUENO, Sonia Maria Villela. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo , v. 44, n. 1, p. 205-212, Mar. 2010 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000100029&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 16 out. 2016.

SUZIN, M. H. B. (2016). “Igual a maioria dos viciados, eu disse que ia parar, mas não parei”: os impactos do vício em pornografia no cotidiano de homens heterossexuais.

MORAES, Eliane Robert. LAPEIZ, Sandra Maria. **O que é Pornografia?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

NETO, Alberto Ribeiro; CECCARELLI, Paulo Roberto. Internet e pornografia: notas psicanalíticas sobre os devaneios eróticos na rede mundial de dados digitais. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 37, n. 70, p. 15-22, jun. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952015000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 maio 2016.

NETO, Esperidião Barbosa. Ato e palavra no contexto da ética, Ato e não-palavra na via do consumo. **Vínculo**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 36-43, dez. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902015000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 out. 2016.

OMS – Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.

ORSI, Vivian. **Tabu e preconceito linguístico**. ReVEL, v.9, n. 17, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_17_tabu_e_preconceito_linguistico.pdf>. Acesso em: 18 abril 2016.

PRECIADO B. *Pornotopia: arquitectura y sexualidad en “Playboy” durante la guerra fría*. Barcelona: Anagrama, 2010.

Ron DeHaas, CovenantEyes. Disponível em: <<http://www.covenanteyes.com/pornstats/>>. Acesso em: 30 de março de 2016.

ROSSINI, Danielle. Neuropsicologia dos transtornos do controle dos impulsos. In: ABREU, Cristiano Nabuco de; TAVARES, Hermano; CORDÁS, Táki Athanássios, e organizadores. **Manual clínico dos transtornos do controle dos impulsos**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SANTANA, Léa Menezes. **Tem pornô para mulher? Uma abordagem crítica da pornografia feminista**. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) - Universidade Federal da Bahia, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia. 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18873/1/Dissertacao%20de%20L%C3%A9a%20Menezes%20de%20Santana.pdf>> Acesso em: 02 maio 2016.

SZNELWAR, Laerte Idal; UCHIDA, Seiji; LANCMAN, Selma. A subjetividade no trabalho em questão. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 11-30, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702011000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 out. 2016.

TAVARES, Hermano; ALARCÃO, Gustavo. Psicopatologia da impulsividade. In: ABREU, Cristiano Nabuco de; TAVARES, Hermano; CORDÁS, Táki Athanássios, e organizadores. **Manual clínico dos transtornos do controle dos impulsos**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

VIEIRA, Érico Douglas; STENGEL, Márcia. Os nós do individualismo e da conjugalidade na Pós-Modernidade. **Aletheia**, Canoas, n. 32, p. 147-160, ago. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2016.

VOON V, MOLE TB, BANCA P, PORTER L, MORRIS L, MITCHELL S, et al. (2014) *Neural Correlates of Sexual Cue Reactivity in Individuals with and without Compulsive Sexual Behaviours*. PLoS ONE 9(7): e102419. doi:10.1371/journal.pone.0102419

VOSS A, CASH H, HURDISS S, BISHOP F, KLAM WP, DOAN AP. *Case Report: Internet Gaming Disorder Associated With Pornography Use*. The Yale Journal of Biology and Medicine. 2015;88(3):319-324.

YOUNG, K.S., ABREU, C.N. *Internet Addiction: A handbook and Guide to Evaluation and Treatment*. Canada, 2010. 312 pages. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=C_omSZQyfYcC&pg=PT21&lpg=PT21&dq#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 23 maio 2016.